



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

,A DIALÉTICA DA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE & A RELATIVIDADE DO BELO NA MODA

The Dialectic between subjectivity and fashion production and the relativity of beauty in fashion

Mazzo, Sofia Guimarães; Graduanda; Universidade Federal de Minas Gerais,
sofiamazzoo@gmail.com¹

Adverse, Angelica Oliveira; Doutora, Universidade Federal de Minas Gerais,
adverseangelica@gmail.com²

Resumo: O artigo examina a dialética da produção de subjetividade e a relatividade do belo a partir do fenômeno da moda. Para tanto, retomaremos os estudos da teoria crítica de Charles Baudelaire (1863) e Walter Benjamin (2006). A moda como perfeito símbolo da produção da subjetividade moderna propiciou as condições de existência para afirmar a individualidade no espaço social democrático. Como consequência, a moda desempenhou um importante papel para ensejar uma dimensão histórica do belo e da experiência estética.

Palavras-chave: Moda; subjetividade; belo.

Abstract: The article examines the dialectic of the production of subjectivity and the relativity of beauty based on the phenomenon of fashion. To do so, we will return to the critical theory of Charles Baudelaire (1863) and Walter Benjamin (2006). Fashion as a perfect symbol of the production of modern subjectivity has provided the conditions of existence to affirm individuality in the democratic social space. Therefore, fashion played an important role in creating a historical dimension of beauty and aesthetic experience.

Keywords: Fashion; subjectivity; beauty.

O belo exige o reencontro de duas individualidades, o artista tomado de verdade, o real rico de diversidade. Ancorada no real, a arte deve ao mesmo tempo aceitar ou ultrapassar os limites, abrir sobre o incomum.

Stéphane Guégan

¹ Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais

² Doutora e mestre em Artes Visuais pela EBA | UFMG. Estágio de pós-doutorado em História pela FAFICH | UFMG. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes | UFMG. Professora Adjunta do curso Design de Moda | UFMG.

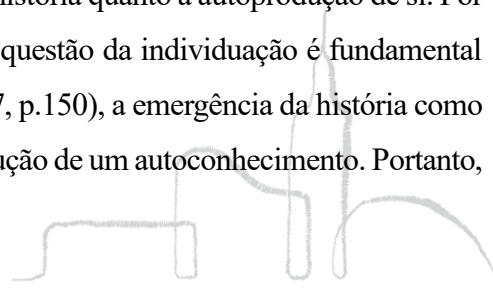




Introdução

O fim das grandes narrativas marca, no campo da História, uma transformação da experiência do real impactando profundamente na produção da subjetividade. Esta mudança demarca um ponto preliminar: um certo tipo de racionalidade ficcional que fundamenta novas formas de existência. Para Rancière (2021, p.15), o poder de engendrar uma nova realidade também produz novas formas de ficção, para o autor a ficção é necessária onde quer que o senso de realidade precise ser produzido. Essa racionalidade ficcional ocasiona na reapropriação do tempo e da produção das formas de vida, resultando numa reconfiguração do sujeito e das narrativas da história. Logo, uma das formas do indivíduo moderno vivenciar uma mistura de diversas temporalidades ocasionando numa mudança de sua percepção do real é por intermédio de sistemas que alteram as suas experiências do tempo. O fenômeno da moda tem, sem sombra de dúvida, o poder de engendrar outras temporalidades e alterar a percepção do presente.

A moda, para além da ação vestimentar, é uma dimensão representativa de um tempo e o seu *ethos* e *modus operandis*, muda a maneira como a linha temporal demarca a separação simbólica entre o presente e o passado. Trata-se, neste caso, de propor continuamente um ponto de aproximação e de distanciamento que tensionam a relação entre história coletiva e memória social. A partir disso, a emancipação do indivíduo encontra as bases para produzir narrativas que modificam o horizonte temporal das experiências humanas. A produção de sentido advinda da experiência temporal indicaria uma passagem de sua importância para a produção da subjetividade, ela marcaria a autoafirmação do indivíduo no espaço secular. Assim, a secularização moderna marca o movimento das formas simbólicas de apropriação da percepção do tempo. A produção do novo pela moda dá forma a fisionomia artificial do presente, indicando que a mudança, mutação e renovação constituem a identidade substancial do indivíduo moderno ficcionalizar a experiência da passagem do tempo. Deste modo, a experiência da atualidade se enquadra numa visão que reestrutura a racionalidade ficcional do tempo. Assim, a percepção da moda depende desta produção de sentido que reconhece o indivíduo como narrador de si e da história. O indivíduo moderno é aquele que ao produzir o seu tempo, produz os acontecimentos e as narrativas dos fatos. Nesse sentido, a experiência moderna mobilizaria tanto a história quanto a autoprodução de si. Por isso, não podemos falar em moda sem pensar o princípio da secularização. A questão da individuação é fundamental para a produção da autoconsciência, ela demarcaria, como pontuou Prost (2017, p.150), a emergência da história como uma experiência de si mesmo. Assim, não há nem pode haver moda sem a produção de um autoconhecimento. Portanto,





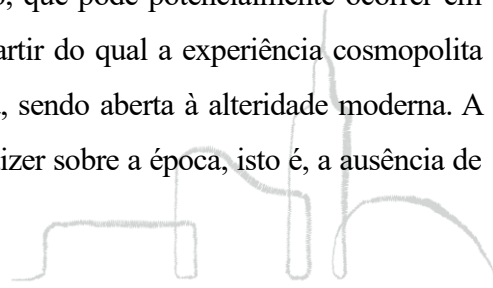
a experiência moderna marca o aparecimento da consciência de Si e, simultaneamente, conceituar e ficcionalizar a experiência vivida. Ao experimentar os acontecimentos do tempo, o sujeito se auto constitui, consolidando e identificando a temporalidade do qual faz parte. Ao constituir-se a partir do tempo, ele compreende como as suas ações se tornam história.

A modernidade, escreveu Baudelaire (1996, p.24), nada mais seria do que a extração do poético no histórico, logo ela marcaria exatamente a experiência delimitada por Rancière (2021). Ela seria a capacidade de ficcionalizar o tempo de maneira a temporalizar tanto a experiência do belo quanto a experiência estética. Nesse viés, a elaboração do entendimento de moda e das normas que a constituem como diretriz estatutária está em permanente batalha estética, uma vez que o valor do que é belo é circunstancialmente definido (Adverse, 2016, p. 3). Esse jogo de forças de determinação do bom gosto e do belo remonta, paralelamente, ao próprio jogo da estratificação social e suas significações, tal qual explicita Walter Benjamin (2006, p. 112) ao dizer que a motivação da moda é social, e não individual. Diante disso, entende-se a moda como elemento constituinte da organização social, enquanto está a essa submetida, sendo, conforme Adverse (2016, p. 5), uma experiência motivada por interesses e culturalmente definida.

Em vista do supracitado, objetiva-se, com o presente trabalho, investigar a experiência da moda, tal como elaborada sendo um pilar da organização social pensada por Benjamin (2006, p. 12), como um potencial componente do processo de subjetivação humana. Para tal, foi feito um levantamento bibliográfico por meio da abordagem intencional, abrangendo o campo da moda, da filosofia e da psicologia, visando verificar convergências em tais âmbitos. Ademais, foram elaborados fichamentos e sínteses dos trabalhos lidos, suscitando reflexões sobre eles, além da pesquisa de uma imagem que se relacionasse com os aspectos da pesquisa desenvolvida.

A pintura de costumes como condensadora da modernidade

A aquarela intitulada *Caminhada na Champs Élysées*, [s.d.] de Constantin Guys (1802-1892) retrata uma cena da cidade de Paris. A figura apresenta-se como o retrato de um dia ordinário, que pode potencialmente ocorrer em qualquer momento contemporâneo do artista. É o cotidiano emoldurado a partir do qual a experiência cosmopolita reafirma a convicção de que a experiência do belo seria temporal e histórica, sendo aberta à alteridade moderna. A escolha da forma de representação pode ser interpretada, também, como um dizer sobre a época, isto é, a ausência de





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

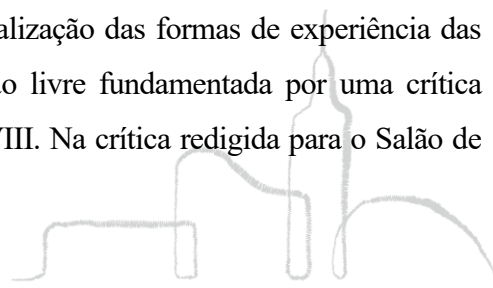
delimitação clara entre os componentes, a mistura, a sobreposição, conferem à obra a sensação de fugacidade, movimento, ao passo que é, na realidade, uma figura estática. Nesse sentido, desvela-se a marca da vida moderna, tipificada pelo fluxo, pela mudança, pela binariedade, e inserida em uma nova organização infraestrutural: a cidade.

Figura 1: Promenade aux Champs Élysées, voitures et promeneurs, Constantin Guys, [s.d.]



Fonte: <https://www.parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/promenade-aux-champs-elysees-voitures-et-promeneurs#infos-principales> Acesso em 14 abr. 2025

Nesse meio, e consoante às sensações expressas na produção artística de Guys, emerge a experiência da modernidade, tendo a dualidade e o conflito como características basais. A efemeridade e o eterno aparecem concomitantemente, tal como na obra, em que a cena passageira retratada está, agora, fadada à eternidade. Frente a isso, o considerado moderno é essencialmente conflitante, passado e presente, se exprimindo juntos, em meio às sombras de transição. Tal entendimento de transitoriedade recai tanto sobre a experiência estética, quanto sobre as transformações sociais vividas, explicitando o caráter social da arte. De acordo com Guégan (2021, p.42-43) a relatividade do belo seria uma espécie de resposta a emergência da emancipação do sujeito e individualização das formas de experiência das doutrinas artísticas. O belo seria uma múltipla expressão de uma percepção livre fundamentada por uma crítica educativa que confrontaria o civismo do gosto, típico dos séculos XVII e XVIII. Na crítica redigida para o Salão de



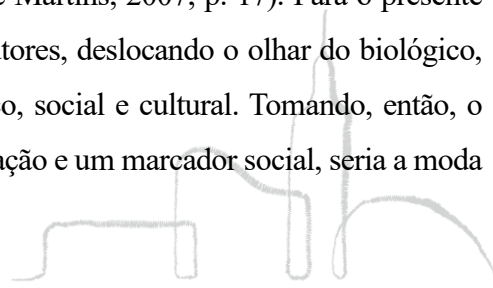


1845, Baudelaire diz que a singularidade dos seres e das coisas seria um atributo de beleza: “deixemos a beleza puramente convencional, a literatura moderna está capturada pela realidade, ela procura se inspirar pelo presente e da natureza viva, ela toma os temas do mundo onde ela respira; ela queria pintar com verdade a nossa época, nossos costumes, o estado da nossa sociedade”. De acordo com Guégan (2021, p.136), a experiência temporal do presente seria uma das figuras do heroísmo moderno suscitado por Baudelaire. A fecundidade do cotidiano se alicerça na experiência do fugidio como imperativo para a representação dos croquis de costumes: “estes desenhos combinam sintetismo e verdade, leveza e construção, efeitos atmosféricos de claro-escuro, reunindo os polos da modernidade baudelaireana”. Para Baudelaire, a beleza particular destas imagens repousa em sua fecundidade moral porque unifica o bizarro e as ambivalências da vida elegante.

A produção de subjetividade

As vivências tornam-se, então, sujeitas ao conflito e ao excesso, e é em meio a esse cenário que surge a figura do *Flâneur*. Essa nova persona é o próprio sujeito da cidade em ascensão, um perambulante cuja motivação é o fim em si, a apreensão do novo cotidiano, moderno, citadino, por meio da caminhada despreocupada pelas ruas. Está entregue à multidão, mescla-se a ela, tal como retratado por Guys (Figura 1). Esse homem da multidão faz-se intencionalmente despercebido, lançando mão de artifícios vestimentares para tal. O uso do terno preto, veste trivial masculina, é o que possibilita a esse homem se camuflar na cidade, nos demais transeuntes. A indumentária vem a ser, desse modo, um elemento que reserva a viabilidade de exprimir um comportamento. Paralelamente, a moda é usada como signo de distinção, o que diz respeito ao prazer das altas classes de se diferirem das demais (Benjamin, 2006, p. 115), tornando o vestuário, assim, uma forma de categorização.

Tendo em vista que as categorias sociais podem contribuir para a construção da subjetividade, evocam-se as ideias de Prado Filho e Martins (2007). Para os estudiosos, é preciso pensar na desnaturalização da subjetividade, ou seja, entender que essa é uma dimensão humana construída (Prado Filho e Martins, 2007, p. 17). Para o presente estudo, a noção de subjetividade será condizente com a proposta por esses autores, deslocando o olhar do biológico, natural, para a ideia de que a subjetivação ocorre enquanto processo histórico, social e cultural. Tomando, então, o sujeito como sendo construído pelo meio, e sendo a moda também uma elaboração e um marcador social, seria a moda





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

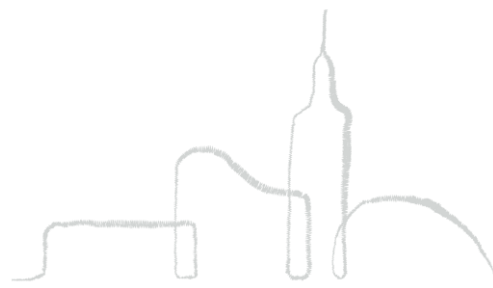
FAAP - SÃO PAULO

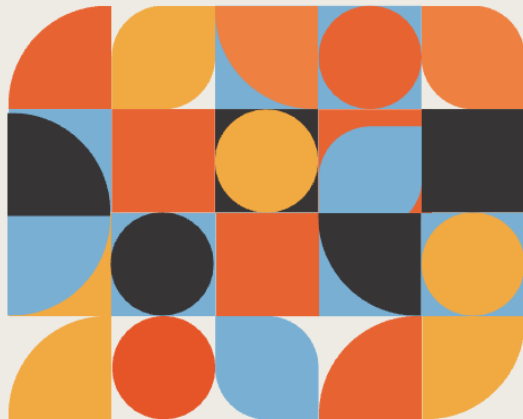
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

um agente de construção do ser enquanto humano? Segundo Baudelaire (1996, p.27), “quase toda a nossa originalidade vem da inscrição que o tempo imprime às nossas sensações”. A partir da leitura do crítico francês, evidencia-se como a circunstancialidade é fundamental na construção do sujeito. A suposta originalidade, o gosto hipoteticamente individual, é, em verdade, determinado por uma norma gradativamente interiorizada pelo indivíduo. Esse condicionamento de vontades produz a subjetividade, de certo modo, por meio da internalização do gosto socialmente imposto e do uso desse desejo na ação vestimentar e na aparição pública. Não haveria, então, um desejo individual, uma subjetividade intrínseca à própria existência, e sim um direcionamento, ditado pela tendência, do que é considerado belo. Paralelamente a essa construção de subjetividade decorrente da vigência de uma definição temporal do belo, há indivíduos, poderes sociais, responsáveis pela determinação e fomento da ascensão desses juízos. Assim, a moda produz a subjetividade enquanto as subjetividades produzem a moda.

De acordo com Hammen e Simmenauer (2017, p.29), a vida moderna se escreve no presente transformada pela percepção de uma aceleração radical do tempo. Esta nova época adota um novo princípio estético que substitui o belo em si, intemporal e abstrato, pela percepção emancipatória e histórica. O eterno e o transitório representam o campo de reinvenção da subjetividade moderna porque embasam-se na dinâmica instantânea do acontecimento histórico. A dialética se produz na medida se configura uma dupla dimensão do processo perceptivo do pintor da vida moderna: “a dualidade da arte é uma consequência fatal da dualidade do homem” (Baudelaire, 1996, p.11). Em suas críticas para o Salão de 1859, ele diz: “o artista, o verdadeiro artista, deve pintar o que vê e o que ele sente. Ele deve ser fiel a sua própria natureza”. Esta afirmação sintetiza a dimensão dialética da produção da subjetividade moderna, a experiência do artista enraíza-se no real para dele extrair o processo de ficcional da arte moderna. A experiência sensível e subjetividade do presente não se orientaria pelo documento, mas pela capacidade de capturar pelo traço mnêmico a beleza fugidia e transitória da modernidade. Nesse sentido, o artista moderno, segundo Baudelaire (1996), é aquele que se deixa atravessar pelas impressões do seu tempo, traduzindo em linguagem plástica a vibração emocional da vida contemporânea.

Considerações finais





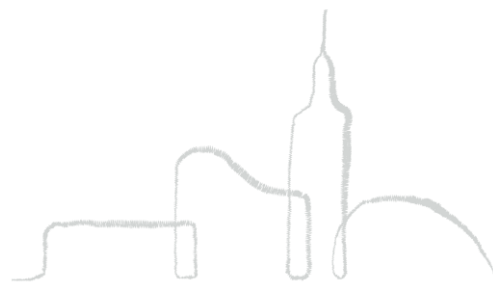
20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Entende-se, portanto, que, se a subjetividade é uma dimensão construída, ela está sujeita às mudanças temporais. Essa ocorrência se dá em um indivíduo que é física e pragmaticamente eterno em si mesmo. O sujeito é, sistematicamente, ele por toda a vida. No entanto, a essência do “ele” é efêmera, sujeita a interferências culturais e submetida à exteriorização na forma de ação vestimentar. Assim, na mesma medida em que a moda constitui a subjetividade, ela é dessa constituída. A reflexão sobre a dialética da produção de subjetividade e a relatividade do belo na moda convida a pensar a moda não apenas como fenômeno estético ou mercadológico, mas como dispositivo privilegiado de inscrição e negociação do sujeito no tempo histórico. Em sua natureza paradoxal como aquele que constrói a si mesmo e produz a narrativa histórica. Para singularizar esta personagem moderna, suscitamos a emergência do artista moderno a partir da figura do *Flâneur*. Esta personagem opera a partir da representação dos costumes na vida moderna um campo de visibilidade das tensões entre o belo, a passagem do tempo e a experiência do fugidio. Ao articular temporalidades diversas, ela atualiza a subjetividade em trânsito, mobilizando recursos mnêmicos e técnicos para capturar a essência da vida em movimento. Nesse contexto, o belo deixa de ser uma categoria universal e atemporal para assumir sua condição relacional, instável e historicamente situada. A moda, ao relativizar o belo, o reinventa continuamente como efeito sensível de forças sociais, políticas e afetivas, revelando que o juízo estético não é neutro, mas tecido por regimes de visibilidade e modos de vida em constante transformação.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Referências

ADVERSE, Angélica. **A Experiência Estética na Modernidade entre a Moda e a Arte**. Achiote.com - Revista Eletrônica de Moda, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 1-19, set./dez. 2016. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/achiote/article/view/4603>. Acesso em: 11 abr. 2025.

BAUDELAIRE, Charles. **O belo, a moda e a felicidade**. In: _____. Sobre a modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 7-11, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais; São Paulo: Editora da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

GUÉGAN, Stéphane. **Baudelaire : L'Art contre l'ennui**. Paris : Flammarion, 2021.

HAMMEN, Émilie. **Les grands textes de la mode**. Paris : IFMG, 2017.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. **A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s)**. Psicologia & Sociedade, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 14-19, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **Tempos Modernos: Arte, Tempo, Política**. São Paulo: N1 Edições, 2021.

